

TRATAMENTO TERMINOGRÁFICO DE TERMOS EM INGLÊS DO COMÉRCIO INTERNACIONAL EM DICIONÁRIOS FRANCESES

Lidia Almeida Barros
(UNESP)

Francine Ferraz da Silva*
(UNIDERP)

RESUMO

O Brasil mantém forte relação comercial com diversos países, dentre eles a França, que, aliás, tem intensificado essa relação nos últimos anos e pretende alimentá-la ainda mais. Documentos legais regulamentam essa operação, gerando um conjunto de termos que designam conceitos próprios dessa área. A comunicação entre vendedores e compradores brasileiros e franceses é intensa e não podem ocorrer erros na compreensão das solicitações de mercadorias e nas condições de compra e venda. Nesse sentido, é importante que os agentes do Comércio Internacional entre Brasil e França disponham de um instrumento terminográfico especializado na área que contenha os termos empregados nesse domínio em francês e em português. Esse tipo de obra não existe hoje; decidimos, então, dar uma contribuição e elaborar uma proposta de dicionário bilíngue francês-português dessa área de especialidade. Durante nossa pesquisa, constatamos uma forte presença de termos em inglês em textos de Comércio Internacional originalmente escritos em português e em francês, o que se explica pelo fato de o inglês exercer, na atualidade, o papel de língua franca entre os povos. Sabemos, no entanto, que a França adota uma política de protecionismo linguístico, obrigando o uso do francês em todos os setores de atividade da França. Surgiu-nos, então, o questionamento: como tratar os termos em inglês em um dicionário bilíngue francês-português? Para iniciar o percurso de resposta a essa pergunta, decidimos verificar o tratamento dado aos termos em inglês do

domínio do Comércio Internacional em alguns dicionários franceses. Nesta comunicação, apresentaremos os principais resultados obtidos em nossa pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: terminologia, terminografia, comércio internacional, estrangeirismos

1. Introdução

A necessidade de se trocarem produtos para a subsistência de uma comunidade por produtos de outra comunidade existe desde os primórdios da civilização, o que evidencia um tipo de comércio internacional, que é praticado há milhares de anos.

O Comércio Internacional tem hoje dupla acepção e se caracteriza: a) do ponto de vista teórico, como uma área de especialidade que faz fronteira com outras, dentre as quais o Direito, a Economia e a Administração; do ponto de vista prático, como

uma operação de compra e venda internacional (...) em que dois ou mais agentes econômicos sediados ou residentes em países diferentes negociam uma mercadoria que sofrerá um transporte internacional e cujo resultado financeiro sofrerá uma operação de câmbio. (SOARES, 2004, p.13)

Desse modo, ao realizar uma transação comercial com outros países, o profissional da área deve estar atualizado quanto aos regulamentos de Comércio Internacional e aos sistemas jurídicos e comerciais dos países envolvidos.

O vocabulário utilizado por esses profissionais reflete a dinâmica e a multidisciplinaridade do domínio. É uma terminologia que precisa ser atualizada sempre, adaptando-se às novas condições econômicas, jurídicas e tecnológicas (SOARES, 2004, p.3). De acordo com a situação econômica de um país e das relações comerciais que mantém com outros países, novos termos podem surgir e outros podem desaparecer.

Atualmente, com a globalização e a hegemonia dos Estados Unidos da América-EUA em diversos setores da economia mundial, tem havido forte presença de termos em inglês na comunicação sobre Comércio Internacional, os quais frequentemente concorrem com termos vernáculos. É quase inevitável utilizar o inglês (ou, pelo menos, termos em inglês), reconhecidamente a língua internacional dos negócios (GARCEZ; ZILLES, 2001, p.22).

A França também mantém intensas relações comerciais com diversos países e procura efetuar a comunicação em francês. Esse país adota ainda uma política de protecionismo linguístico, que se evidencia pelo Projeto de Lei nº 75-1349, de 1975, substituído pela Lei nº 94-665, de 1994 (aprimorada e mais abrangente), que obriga o uso do francês em todos os setores de atividade da França.

Sabe-se, no entanto, que é praticamente impossível impedir as pessoas de usarem palavras estrangeiras, inclusive nos discursos técnicos e científicos. Os empréstimos, em vez de serem condenados, devem ser vistos como enriquecedores da língua. Segundo Alves et al., “ao longo de sua história, as línguas recebem influência de povos diversos e, portanto, de línguas diversas”, o que se reflete nos empréstimos (ALVES et al., 2004, p.122).

Cada época tem sua língua franca, ou seja, “uma língua que serviu (serve) como instrumento auxiliar de comunicação entre pessoas de lugares e culturas (e línguas) diferentes” (BAGNO, 2001, p.79). No início do século XX, a língua franca era o francês. No atual mundo globalizado, não se pode negar a hegemonia da língua inglesa, com expressão, inclusive, em textos de áreas de especialidade em francês.

De fato, procedendo a uma pesquisa sobre o vocabulário do Comércio Internacional em francês, observamos forte presença dos termos em inglês e de seu uso em textos redigidos em língua francesa, mesmo quando há um equivalente perfeito em francês.

Diante desse fato, decidimos analisar o tratamento dado aos termos em inglês do domínio do Comércio Internacional em algumas obras terminográficas e lexicográficas francesas com o fim de verificar se esses termos já se encontram dicionarizados, o que forneceria evidências de uma real implantação dos mesmos na comunicação em língua francesa no domínio do Comércio Internacional. Neste trabalho, apresentamos os principais resultados obtidos nessa investigação científica. Antes, porém, consideramos importante expor elementos sobre as relações comerciais Brasil-França, sobre os dicionários de Comércio Internacional em francês e sobre a necessidade de um dicionário bilingue francês-português dessa área, o que passamos a fazer.

2. França-Brasil: relações bilaterais e dicionários especializados em Comércio Internacional

O Brasil e a França mantêm, de longa data, intensas relações comerciais, culturais e diplomáticas. De acordo com o embaixador da França no Brasil, Jean de Gliniasty, em entrevista à “Revista Brasil - Marca de Excelência”, as relações entre os dois países são ótimas e isso se deve a “uma longa história de intercâmbios, uma cumplicidade intelectual e uma fascinação recíproca” (GLINIASTY, 2005).

Há também grande número de empresas francesas estabelecidas no Brasil, tais como *Alcatel, Aventis, Carrefour, Danone, Fnac, L’Oreal, Michelin, Renault, Rhodia*, dentre outras, empregando em torno de 250.000 pessoas, o que contribui substancialmente para o crescimento econômico do país. Destacam-se ainda projetos de cooperação entre Universidades francesas e brasileiras.

O ano de 2005 foi o ano do Brasil na França, momento em que foram realizados vários eventos culturais naquele país para divulgar a cultura brasileira, mostrando

uma nova imagem do Brasil, com toda a riqueza de sua engenhosidade e de sua potencialidade, portanto mais adequada à realidade atual, a de um país de dimensão continental, jovem e moderno, na vanguarda da tecnologia num grande número de setores e que se abre cada dia mais para o mundo. (GLINIASTY, 2005)

Houve diversos eventos de promoção comercial, dentre eles a visita do Presidente Luís Inácio Lula da Silva à França, ocasião em que foi possível valorizar as parcerias já existentes entre empresas dos dois países e colocar em evidência o potencial comercial do Brasil, despertando, assim, o interesse dos executivos franceses em relação a nosso país.

Apesar dos fortes laços comerciais que unem o Brasil e a França, não existe, hoje, à disposição dos tradutores e outros usuários, uma obra terminográfica bilíngue francês-português de Comércio Internacional. Sendo assim, a elaboração de repertório dessa natureza vem auxiliar a comunicação entre franceses e brasileiros que trabalham nesse domínio de especialidade. Para tanto, o estudo do perfil da terminologia da área é fundamental. Decidimos, então, dar uma contribuição à matéria.

Durante nossa investigação científica para a identificação da terminologia em francês própria do Comércio Internacional, observamos a presença de termos em inglês como entradas de muitos verbetes das obras terminográficas consultadas. Estranhamos esse fato, visto o protecionismo que os órgãos oficiais franceses procuram dar à língua francesa, sobretudo em contraposição à língua inglesa. Diante desse fato, decidimos analisar a obra intitulada *Dictionnaire du Commerce International* (CCIP, 2003) e observar o tratamento dado aos termos em inglês nessa obra. Confrontamo-lo também com o tratamento dado aos mesmos termos no *Le Robert & Collins du management pratique* (1999) e no *Nouveau Petit Robert* eletrônico (1996). Os principais resultados são apresentados a seguir.

3. Termos em inglês em dicionários franceses

Em uma obra terminográfica distinguimos dois tipos gerais de verbete: os remissivos e os principais. Nos primeiros nenhuma informação específica é dada sobre a unidade lexical descrita (entrada); sua função é somente a de remeter ao verbete principal, indicando o percurso que o leitor deve seguir para obter os dados de que necessita. O verbete que chamamos de *principal*, por sua vez, tem por função transmitir as informações relativas à unidade lexical procurada pelo consulente.

Dentre os 885 termos que constituem entradas dos verbetes que compõem a macroestrutura do *Dictionnaire du Commerce International*, 190 são termos em inglês, ou seja, 21,5% das entradas da obra; desses, 103 são entradas de verbetes principais e 87 de verbetes remissivos). Dos 190 termos, 50 são siglas ou acrônimos nesse idioma.

Os verbetes desse dicionário que possuem como entrada um termo em inglês, identificamos os seguintes modelos de microestrutura (entendida aqui como “a organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete” (BARROS, 2004, p.156)).

3.1. Forma em inglês como entrada do verbete principal: 103 termos.

Os verbetes principais do *Dictionnaire du Commerce International* que possuem como entrada um termo em língua inglesa dispõem os dados terminológicos fundamentalmente de quatro modos diferentes, a saber:

a) A microestrutura é básica, ou seja, compõe-se apenas de uma entrada e de uma definição. A entrada é um termo em inglês e a definição é um enunciado redigido em francês. Não há, neste modelo de microestrutura, referência a possíveis equivalentes terminológicos em francês.

Exemplos:

(1) *Dumping*: Pratique qui consiste à vendre, dans le pays d'importation, des marchandises à un prix inférieur à celui en vigueur, dans des conditions de pleine concurrence dans le pays de provenance, d'origine ou de transit.

(2) *Joint venture*: Entreprise commune; société créée par deux entreprises parfois de nationalités différentes, pour l'exploitation commune d'une activité précise.

b) O programa de informações da microestrutura prevê o termo-entrada em inglês, um equivalente terminológico em francês e uma definição também em língua francesa.

Exemplos:

(3) *Delivery order*: **Bon de livraison**. Ordre qui permet de diviser la cargaison faisant l'objet d'un connaissement de sorte que le propriétaire peut en disposer en cours de transport pour des opérations portant sur des parties de la dite cargaison.

(4) *Revolving*: **Renouvelable**. Qualifie une opération susceptible de renouvellements multiples et convenus à l'avance notamment dans le cadre du crédit documentaire.

Ressalte-se que, neste modelo de microestrutura, o equivalente em francês não constitui entrada de nenhum verbete na obra, nem como remissivo.

c) O termo em francês é entrada de verbete remissivo, que indica como forma privilegiada (a ser utilizada de preferência) o termo em inglês. O verbete principal tem, por conseguinte, entrada em língua inglesa.

Exemplos:

(5) *Accord d'échange*: Voir SWAP.

(6) *SWAP*: Échange de dettes entre deux entités qui ont pris des risques différents. Risque de taux (fixe ou variable) ou risque de change. Ces entités peuvent trouver un avantage à échanger leurs dettes pour diversifier par exemple le nombre des monnaies dans lesquelles elles sont endettées. Un SWAP se négocie par l'intermédiaire d'une banque qui prélève une commission.

d) A microestrutura do verbete se compõe de apenas duas zonas semântico-sintáticas: entrada em inglês e equivalente terminológico em francês. Não há enunciado definicional.

Exemplos:

(7) *Average*: *Avarie*.

(8) *Broker*: *Courtier*.

Esses foram os tipos de verbetes principais encontrados no *Dictionnaire du Commerce International* que têm como entrada termos em inglês. Estes são, portanto, considerados como formas privilegiadas em relação aos termos em francês.

Os demais 87 verbetes dessa obra terminográfica que têm como entradas termos em língua inglesa dão tratamento diferente aos dados terminológicos dentro da microestrutura. Vejamos:

3. 2. Termo em inglês é entrada de verbete remissivo:

Em 62 casos, a entrada do verbete remissivo se encontra em inglês. É feita a remissão a outro verbete (principal), no qual se encontram as informações desejadas pelo consulente e que tem como entrada um termo em francês.

Exemplos:

(9) Bill of lading (B/L): Voir connaissance.

(10) Container: Voir conteneur.

Verificamos ainda que sete verbetes que possuem como entrada um termo em inglês fazem remissão não explícita a outro verbete (principal) que, por sua vez, possui como entrada um termo em francês.

Exemplos:

(11) Shipper: *Chargeur*.

(12) *Chargeur*: Personne qui confie au navire une marchandise pour qu'elle soit transportée.

(13) *Bulk carrier*: *Vraquier*

(14) *Vraquier*: Navire pour le transport de vrac exploité le plus souvent au tramping.

Nestes casos, o termo em língua francesa é a forma privilegiada.

3. 3. Sigla em inglês é entrada de verbete remissivo:

Em 18 verbetes remissivos a entrada é uma sigla em inglês e o leitor é orientado a buscar a informação de que necessita em outro verbete (principal), cuja entrada é a forma expandida da sigla.

Exemplos:

(15) AWB: Voir air way bill.

(16) Ro/ro: Voir roll on/roll off.

(17) ULD: Voir unit load device.

Nesses casos, a forma privilegiada continua sendo em inglês. Aqui nos encontramos diante da seguinte situação: uma sigla em inglês remete a um termo também em língua inglesa (forma expandida) dentro de um dicionário de Comércio Internacional em francês.

Em outros verbetes, a microestrutura prevê a indicação da forma expandida em inglês e, às vezes, de um equivalente em francês:

Exemplos:

(18) GW: Gross weight.

(19) FIW: Abréviation de *free in wagon*. Franco sur wagon.

Nesses casos, os verbetes sendo remissivos, o leitor, para encontrar a informação que deseje, deve se dirigir a outro verbete. Não fica claro, porém, em algumas situações (como na relativa ao termo (sob forma abreviada) *FIW*), se a entrada do verbete principal é a forma expandida em inglês ou em francês.

Com base nos dados aqui apresentados, notamos que um número significativo de termos em inglês é entrada de verbetes principais ou remissivos dessa obra terminográfica francesa (em francês). Dentre esses, a maioria é considerada como a forma privilegiada em relação ao termo em francês.

Com o objetivo de verificar se os 190 termos em inglês encontrados no *Dictionnaire du Commerce International* já foram incorporados à língua geral francesa, consultamos o *Le Robert et Collins du management pratique* (1999) e o *Nouveau Petit Robert* eletrônico (1996). Obtivemos os seguintes resultados:

- entradas apenas no *Dictionnaire du Commerce International*: 161 termos (incluindo siglas e acrônimos).
- entradas nas três obras: 17 termos.
- entradas no *Dictionnaire du Commerce International* e no *Le Robert et Collins du management pratique* : 4 termos.
- entrada no *Dictionnaire du Commerce International* e no *Nouveau Petit Robert* : 8 termos.

Diante do exposto, consideramos que 17 termos em inglês (os que fazem parte da nomenclatura das três obras analisadas) já foram

efetivamente incorporados ao léxico da língua francesa. Outros 12 termos encontram-se próximos de incorporação, visto serem entradas de verbetes de duas obras terminográficas francesas, inclusive uma de língua geral.

4. Xenismos ingleses na terminologia do Comércio Internacional do francês

Guilbert (1975) distingue as etapas de adaptação pelas quais a unidade lexical estrangeira passa no processo de integração na língua receptora; adota a proposta de Louis Deroy (1956) e chama de *peregrinismo* a fase de instalação, numa língua, de uma unidade lexical emprestada (BARROS, 2007, p.27).

O *empréstimo* constitui, de acordo com Guilbert, o resultado final, a unidade lexical adotada pela língua receptora. O *xenismo*, por outro lado, é uma unidade lexical estrangeira que mantém, na língua receptora, o significante que possuía na língua fonte (GUILBERT, 1975, p.2).

Os termos em inglês que encontramos nos dicionários analisados caracterizam-se como xenismos, visto que todos mantiveram sua grafia original nas três obras, como se pode observar nos exemplos a seguir:

4.1. *Dumping*

Dictionnaire du Commerce International

Dumping: Pratique qui consiste à vendre, dans le pays d'importation, des marchandises à un prix inférieur à celui en vigueur, dans des conditions de pleine concurrence dans le pays de provenance, d'origine ou de transit.

Le Robert et Collins du management pratique

Dumping: dumping. faire du dumping. to dump goods, practise dumping (p.110).

Nouveau Petit Robert

dumping n. m.

- v. 1900; mot angl., de *to dump* « entasser, déblayer » Anglic. Écon. Pratique qui consiste à vendre sur les marchés extérieurs à des prix inférieurs à ceux qui sont pratiqués sur le marché national ou même à des prix inférieurs aux prix de revient. *Faire du dumping* (cf. fam. Casser* les prix).

4.2. *Joint venture*

Dictionnaire du Commerce International

Joint venture: Entreprise commune; société créée par deux entreprises parfois de nationalités différentes, pour l'exploitation commune d'une activité précise.

Le Robert et Collins du management pratique

Joint-venture: joint venture (p.179).

Nouveau Petit Robert

joint venture ou joint-venture n. f.

• v. 1970; mot angl. amér. Angléc. Écon. Association d'entreprises ayant pour objet la réalisation d'un projet commun. *Des joint ventures*. Recomm. offic. *Coentreprise* .

Em grande parte dos casos, apesar de a forma em inglês ser a mais empregada na linguagem dos negócios em língua francesa, há uma forma em francês sugerida como preferencial por organismos oficiais competentes. De fato, atendendo a uma política francesa de harmonização linguística, organismos oficiais desse país indicam um termo em francês a ser empregado no lugar do xenismo em inglês.

São exemplos desse caso os seguintes termos:

Forma em inglês efetivamente empregada em francês	Forma em francês sugerida
---	---------------------------

factoring

affacturage

forfaiting

forfaitage

joint venture

coentreprise

piggyback

ferroustage

Apesar desse esforço de normalização, a maior parte dos termos em inglês do Comércio Internacional encontrados em nossa pesquisa sobre a terminologia em língua francesa desse campo é a forma privilegiada, ou seja, é a efetivamente utilizada em discurso.

5. Conclusão

O Comércio Internacional é bastante dinâmico e, para se ganhar crédito e conquistar novos mercados, é preciso que haja uma disseminação rápida da informação. O profissional da área se vê diante de

uma infinidade de informações novas que precisa dominar logo para não perder espaço.

Em compasso com essa dinâmica comercial caminha a terminologia da área, que se atualiza. Os franceses mantêm-se atentos a essa renovação e elaboram obras terminográficas especializadas na matéria. O Brasil, porém, não acompanha esse processo com a mesma rapidez. De fato, de acordo com Cintra Neto (GAROFALO FILHO, 2004, p. VII – Introdução), “a literatura sobre o setor externo da economia brasileira é, para dizer o mínimo, rarefeita”.

Assim, a elaboração de dicionários de Comércio Internacional vem contribuir para o enriquecimento da literatura sobre o domínio e auxiliar os tradutores e profissionais da área na comunicação oral ou escrita.

Em nossa investigação científica sobre a terminologia do Comércio Internacional em francês, observamos forte presença de termos em inglês nos dicionários que compõem nosso *corpus* em língua francesa.

Nosso estudo mostrou que, no *Dictionnaire du Commerce International*, obra composta por 885 entradas, 190 eram termos em inglês, sendo que, desses, 103 eram formas privilegiadas e constituíam entradas dos verbetes principais. Dos 190 termos encontrados nessa obra, 17 constavam também como entradas de verbetes de outros dois dicionários. Nesse sentido, podemos dizer que esses termos já foram efetivamente incorporados ao léxico da língua francesa. Outros 12 termos encontram-se próximos de incorporação, visto serem entradas de verbetes de duas obras terminográficas francesas, sendo uma de língua geral.

Consideramos que os demais 171 termos em inglês, por se encontrarem registrados em apenas uma obra, encontram-se em processo, mesmo que ténue, de integração à língua francesa, uma vez que já se encontram dicionarizados em pelo menos um repertório terminográfico. É importante ressaltar que este (*Dictionnaire du Commerce International*) é considerado uma referência na área por ter sido elaborado pela Câmara de Comércio e da Indústria de Paris.

Esses 190 termos se caracterizam como xenismos, ou seja, são utilizados em sua forma original em inglês, mesmo sendo empregados em textos redigidos em língua francesa.

Esses dados mostram que os termos de origem inglesa são produtivos no domínio do Comércio Internacional em francês e que, em dicionários franceses dessa área de especialidade, são, muitas das vezes, tratados como formas privilegiadas, constituindo entradas de verbetes principais. As formas vernáculas (em francês) são frequentemente preteridas no uso em benefício de formas léxicas – abreviadas ou expandidas – em inglês.

Essa situação se explica pelo fato de que, no mundo atual, os EUA têm presença preponderante no cenário econômico, o que acaba se refletindo na língua, tornando-se praticamente inevitável o uso de palavras em inglês nos documentos redigidos em francês, em português ou em qualquer língua.

ABSTRACT

Brazil has a strong trading relationship with several countries, including France, which has intensified these links in recent years and intends to do so yet further. Legal documents regulate this operation, resulting in a set of terms which designate concepts specific to this area. Communication between Brazilian and French buyers and sellers is intense and does not permit the occurrence of errors in understanding orders for merchandise nor in terms of purchase and sale. It is therefore very important that agents of International Trade between Brazil and France should have access to a specialised terminographic tool in the area, containing the relevant terms used in French and Portuguese. This type of work does not currently exist; we therefore decided to make a contribution and draw up a proposal for a bilingual French-Portuguese dictionary in this specialised area. During our research, we registered a significant presence of English terms in International Trade texts originally written in Portuguese and in French, which may be explained by the fact that English currently has the role of global *lingua franca*. However, it is well known that France operates a policy of linguistic protectionism, making the use of French obligatory in all sectors of activity in France. This generated an area of doubt: how should one deal with English terms in a bilingual

French-Portuguese dictionary? In order to begin the search for an answer to this question, we decided to see what treatment was given to English terms in the area of International Trade in some French dictionaries. In this paper we shall present the principal results obtained during our research.

KEY WORDS: terminology, terminography, international trade, foreign terms

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. et al. Estrangeirismos no português brasileiro: do mito à realidade. *Revista Estudos Linguísticos*, [S.l.], v. 33, 2004, p. 116-123.
- BAGNO, M. Cassandra, fênix e outros mitos. In: FARACO, C.A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001, p.49-84.
- BARROS, L. A. *Conhecimentos de Terminologia Geral para a prática tradutória*. NovaGraf: São José do Rio Preto, 2007.
- BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.
- CÂMARA DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA DE PARIS. *Dictionnaire du commerce international*. Disponível em: <www3.ccip.fr/pub/115-dico.fr.html>. Acesso em: 28 ago. 2003.
- CINTRA NETO, M. F. Introdução. In: FILHO, E. G. *Dicionário de Comércio Exterior e Câmbio*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- DEROY, L. *L'emprunt linguistique*. Paris: Les Belles Lettres, 1956.
- DUVAL, A. *Le Robert et Collins du management pratique*. Paris: Le Robert, 1999.
- GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. M. S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001, p.15-36.
- GAROFALO FILHO, E. *Dicionário de Comércio Exterior e Câmbio*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- GLINIASTY, J. de *Entrevista para a Revista Brasil – Marca de Excelência*. Ministério das Relações Exteriores. Disponível em: <www.ccfb.com.br/sobre/clipping/embaixador.html>. Acesso em: 05 jul. 2005.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975. (Coll. Langue et Langage).
- INTEREX. *Glossaire de l'exportation*. Disponível em: <www.interex.fr/glossaire.htm>. Acesso em: 10 set. 2003.

REY, A.; REY-DEBOVE, J. *Nouveau Petit Robert: dictionnaire analogique et alphabétique de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1996. 1 CD-ROM. Version 1.3.

SILVA, F. F. da. *Dicionário bilíngue francês/português do Comércio Internacional: tratamento terminográfico e reflexões sobre terminologia bilíngue*. 2006. 287 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Orientador: Lidia Almeida Barros.

SOARES, C. C. *Introdução ao comércio exterior: fundamentos teóricos do comércio internacional*. São Paulo: Saraiva, 2004.

NOTA

* Francine Ferraz da Silva colaborou na elaboração deste artigo.

Data de recebimento: 30 de março de 2010

Data de aprovação: 30 de abril de 2010